

ENTREVISTA

**GÊNERO, RAÇA E TERRITÓRIO NO AGENCIAMENTO DE PRÁTICAS DE  
CUIDADO E CURA TRADICIONAIS**

Issaka Maïnassara Bano<sup>1</sup>

Gabriela Moreno<sup>2</sup>

Tassiana Baraldi Niemtzoff<sup>3</sup>

*Petit Portrait*

*Nascida em 1975 em Ubatuba, Litoral Norte Paulista, Denise Luiz é uma mulher negra, autodeclarada “caiçara de origem afro-indígena” e erveira, com profundo conhecimento sobre uso de plantas medicinais da Mata Atlântica. Formou-se em direito pela Unitau (Universidade de Taubaté) e teve sua trajetória de vida marcada pela memória e interesse em práticas tradicionais de cura e produção de cuidado em saúde. Atualmente coordena o Sítio medicinal Ervário Caiçara, espaço de confluências entre cultura e saúde comunitária, situado no Sertão do Ubatumirim, território de geografia predominantemente rural, cuja presença do modo de vida caiçara é significativamente presente e, sobretudo, resistente aos avanços da crise ambiental circunscrita nas diversas facetas do capitalismo contemporâneo. O Ervário Caiçara é um quintal medicinal com mais de 200 espécies de plantas fitoterápicas não convencionais, cultivadas por Denise e sua família para uso com finalidade de prevenção, cura e cuidado em saúde. É também um espaço de encontro e troca de saberes das Culturas Caiçaras, atuando como espaço simbólico e material de manutenção e preservação dos saberes tradicionais.*

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH/Unicamp, com pesquisa de doutorado que analisa a trajetória de intelectuais da África francófona. E-mail: issaka.bans@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências pelo Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem EE/EERP-USP, cuja trajetória de pesquisa trata de temas em raça, gênero e território na produção do cuidado em saúde. E-mail: gabriela.moreno@usp.br.

<sup>3</sup> Mestranda em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, onde pesquisa gravidez em contexto de mudanças climáticas. E-mail: tassiana.niemtzoff@usp.br.

Foto: Vanessa Cancian Silva.



Representação: *Denise no Ervario em 2019.*

**Hoje é 5 de fevereiro de 2025, começando a entrevista com a Denise.**

**Para começar, você poderia falar um pouco sobre a sua história, quem é Denise, origens, família etc.**

Bom, eu sou a Denise, nascida em Ubatuba, no centro da cidade, quando o centro da cidade era uma área tida ainda como rural. Então ainda existiam chácaras, muitas chácaras e essas chácaras eram vizinhas, então famílias muito próximas, né? Eu nasci numa chácara, lá na rua Gastão Madeira, perto da casa dos meus avós. Isso foi na década de 1970, final de 1979 né, em outubro. E no quintal da minha avó eram 12 filhos. Então eu tinha 12 tios e tias, todos moravam lá, nessa chácara. Perto tinha rio, onde hoje é o aeroporto, mangue, onde hoje tem prédio, onde a gente pescava e caçava. Enfim eu nasci num quintal que eu fui entender o significado bem depois, né? A minha avó paterna era agricultora e analfabeta. Meu avô também foi agricultor, mas depois foi pedreiro. É uma família de negros e indígenas. A minha avó era filha de indígena e aí essas histórias que a gente no Brasil não sabe a origem né? E a minha avó era filho de negro com indígena. E meu avô negro. E o quintal da minha avó, onde eu nasci, era um quintal que eu fui entender depois que era um quintal medicinal. Porque a gente não tinha nenhuma planta no quintal que não fosse serventia para alguma coisa. Então a minha avó não tinha uma florzinha porque ela achou bonitinha. Tinha porque havia um uso com a finalidade de curar alguma coisa. E a horta, criação de galinha. E, também, a gente foi aprendendo sobre esse convívio com a natureza porque a gente tinha essa amplitude de território. Então a gente saía dali e caminhava um pouquinho, estava na Praia do Cruzeiro<sup>4</sup> que dava para nadar na época. A gente ia cedo pegar uma mistura que dava para o almoço, então ali já colhia sapinhoá<sup>5</sup>, que era aquela conchinha da

<sup>4</sup> Praia do Cruzeiro (ou Praia de Iperoig), está localizada no centro de Ubatuba. Atualmente ela está imprópria para banho. Tem grande movimento de moradores e turistas que buscam um lugar para praticar exercícios físicos e é, também, repleta de bares e restaurantes.

<sup>5</sup> Sapinhoá em tupi-guarani é um molusco marinho. Molusco bivalve do gênero *Tivela*. Vivem em fundos arenolamosos de praias semi-expostas da região entre marés, até 5 m onde escavam superficialmente. Usado na

praia. Esse mês agora entra o mês dele né. Eu estava até na praia da fazenda agora cavando e achei um. Falei “ah não estou tão defasada, é o mês de colheita deles”, então eu estava lembrando disso. E aí a gente ia para a Praia do Cruzeiro com as latas que minha avó mandava para catar e encher de sapinhoá e vir para limpar e comer. Camarão, já é da época do meu pai, que eles catavam camarão na praia com a peneira.

### **Qual era a profissão do seu pai?**

Meu pai começou a trabalhar como pedreiro. Ele foi mil coisas, ele foi alfaiate, depois ele teve quiosque na praia grande, que eram dois cavaletes, um madeirite e o isopor, aquelas coisas do camelo né? Ele foi um dos primeiros, ele e a mãe do Bado. Depois ele teve outro quiosque na praia das Toninhas. Depois ele foi denunciado porque teve aquele movimento, que hoje a gente entende, mas na época a gente não sabia, que era de tirar o pessoal caiçara da beira da praia, então tiraram ele do quiosque para beneficiar outras pessoas que não eram caiçaras. E aí foi isso que aconteceu com ele, com a mãe do Bado e com todo mundo. Então ele perdeu o quiosque mesmo. E aí ele foi trabalhar de pedreiro, que era um trabalho que ele já desenvolvia junto ao quiosque. E aí depois ele virou mestre de obras e morreu como mestre de obras. Tanto que a Margareth que é parente engenheira da associação dos engenheiros fizeram uma homenagem falando “morre o último mestre de obras”, porque é uma profissão que não existe mais, é uma profissão que foi engolida pelo arquiteto, os arquitetos hoje eles agem como mestres de obras, porque aí eles fazem tudo e não existe mais esse mestre, porque é uma profissão que a pessoa faz tudo né. E aí ele foi mestre de obra, conseguiu ter um monte de funcionário, trabalhando junto muito tempo porque começaram moleques e foram com ele até a morte dele, então ele chegou a ter de dez a quinze funcionários. Foi um cara que soube lidar com esse sistema capitalista sem enlouquecer, mas morreu cedo. Morreu com 67 anos. Mas é muito estressante também né, porque imagina o tanto de sapo que ele não engoliu desses caras ricos que faz casa, nossa senhora...

### **E ver esse processo de Ubatuba se transformando no que é hoje, né...**

Exatamente, porque a gente não reconhece Ubatuba como é hoje, né. A gente vai na cidade e fica assim assustado com o que virou Ubatuba, com o que está virando de prédio para todo lado. Eu e o Mário Gato estávamos conversando sobre a vulgarização da palavra caiçara, né, e ele me disse “poxa Denise não é assim, nasceu em Ubatuba é Ubatubense, porque o caiçara é aquele que vive mesmo de maneira tradicional a cultura, que faz arte, que faz música e que vive daquilo, né”. Então é difícil hoje a gente falar. Tem a questão da genética caiçara que eu não me encaixo, porque a minha mãe é paulistana, mas eu me encaixo na questão cultural. Então eu falo, né, eu me assumo como caiçara há muito tempo, porque a gente vem dessa linhagem que tem que ser valorizada, por uma questão de resistência, né. Então essa é a Denise e estou aqui no Ervário cultivando hoje quase 200 espécies, acho que tem mais, de plantas medicinais, frutíferas, roça. O Bado, meu companheiro, está integralmente aqui comigo cuidando dessas demandas

**Pelo que eu entendi, você é filha única. Aí eu vou voltar um pouco no tempo. Como era a relação familiar em casa? Não tinha irmãos, mas tinha amigos, tinha essa experiência da cultura, das plantas, quais são as lembranças que você tinha dessa época, dessa relação**

### **com as outras crianças?**

Como eu venho desse quintal, que tinha muitos primos porque eram 12 filhos, minha avó e todos os filhos dela tiveram filhos, tinha muitos primos no quintal desde que eu nasci. Então era o dia inteiro aquela confusão no quintal da minha avó. Depois eu me mudei do quintal da minha avó, que era um quintal muito cheio mesmo, tinha muita gente, né? E aí meu pai falou que iria comprar um terreno em outro bairro, e aí ele comprou na Estufa e construiu ali uma casinha e a gente foi para Estufa e foi muito sofrido. A minha avó ficava apavorada porque a minha mãe era alcoólatra, então meu pai trabalhava fora e às vezes minha mãe deixou de trabalhar na Santa Casa para ficar em casa e ela trabalhou no quiosque também, lutou junto, mas ela tinha essa questão do alcoolismo. A minha avó ficou apavorada pensando como vai ser a Denise lá distante, acho que a 3km, quase da Gastão Madeira<sup>6</sup>. Mas deu tudo certo. Aí quando eu me mudei para Estufa, bom a gente brincava muito de roda, brincava com umas bonecas que as minhas tias faziam e que hoje eu vim saber que se chama Abayomi<sup>7</sup>. E a gente queria crescer para brincar com elas de roda. então a gente tinha essas brincadeiras de roda, de pião, pipa porque minha mãe era mestra de soltar pipa, ela era ótima, fazia cerol. A gente cresceu, também, comendo essas coisas do quintal né? Eu lembro que a gente ia na praia do cruzeiro e voltava morrendo de fome. Meu avô tinha rancho de canoa ali.

### **Eu acho interessante pensar que ali foi uma praia muito frequentada e hoje tem uma bandeira vermelha.**

Ali era uma salga<sup>8</sup>, que inclusive era da família do Mano que é meu concunhado, casado com a irmã do Bado. E a minha avó que trabalhava na salga e a mulherada levava as crianças para a salga, porque tinha um grande quintal. A salga era no fundo. Tinha praia, tinha caju, tinha tudo. E a gente ia por aquele caminho, saindo da Gastão Madeira. Depois entrava ali na Avenida principal, né? E ia até a salga, final do Itaguá<sup>9</sup>, lá no final da praia. E a gente passava o dia ali, que a minha vó passava o dia trabalhando. A gente passava ali, ainda mais em época de sardinha, né? Que tinha que limpar a sardinha, para salgar a sardinha, para enlatar a sardinha que até hoje é famosa no mundo todo. Que é sardinha Ubatuba, né? Até hoje tem. Sardinha Ubatuba. Era umas latas grandes de sardinha que iam para exportação e a mulherada trabalhando. Eram 4 salgarias que tinha para salgar peixe. Salgar sardinha.

### **Era a fonte de renda das mulheres?**

Era bastante! E quando era a época, mais ainda. Tinham as contratações por fora, né? E aí eu sei que a gente comendo esses cajus, essas amêndoas. Porque aquela Avenida Leovigildo ali, ela tinha um canteiro no meio. Ela não era só aquele asfalto, tinha um canteiro no meio. Duas vias de terra e no meio plantado caju, até o fim. E as vezes minha vó falava vai catando folhas alí no campo porque a gente vai fazer travesseiro para alguém etc. E era para respiração, né? Para bronquite, eu tinha bronquite. Então ela falava para a gente ir colhendo. Já colhemos mato, já comemos mato. Eu cresci assim no quintal da minha avó até os 9 anos de idade. Depois eu fui para Estufa. Na Estufa eu fui parar numa rua que se chamava rua Corinthians, mas na verdade

---

<sup>6</sup> Gastão Madeira, rua localizada na região central de Ubatuba.

<sup>7</sup> Abayomi é um termo em Yorubá, usado para nomear bonecas negras de pano, feitas sem costura, com nós e retalhos de tecido. Simboliza esperança, resistência e conexão com a cultura africana e afro-brasileira.

<sup>8</sup> Salga de peixes como método de preservação da carne animal; também designa o espaço onde o método é realizado.

<sup>9</sup> Itaguá, praia localizada na região central de Ubatuba.

ali era um loteamento chamado Gurilândia Caiçara. O verdadeiro nome de Estufa é Gurilândia Caiçara. Era para ser um loteamento. Foi loteamento né, mas era para ser loteamento de um condomínio fechado. Olha que viagem os caras fizeram, queriam ter feito um condomínio fechado ali. Igual Vivamar uma época tentou. E aí ali na rua Corinthians, rua dos meninos, quando você olha o mapa das ruas antigas, era só rua dos meninos, ruas das meninas. Era a coisa mais linda, não sei porque mudaram. E aí eu fui morar numa rua onde todos os caiçara que saíram do Norte iam morar. Então os caiçaras quando saíram do Norte, iam morar, vendiam suas terras, perdia ou não. Umas tinham suas terras, mas queriam morar na cidade, iam para Estufa. Então eu fui morar do lado da família do seu Brandão, que foi um grande mestre do Divino<sup>10</sup>. Seu Pedro Brandão, um dos maiores mestres. Todos os tocadores de Ubatuba conhecem. Eu fui morar do lado. Era vizinha do seu Pedro Brandão, da Dona Guilherme, que era gente do Puruba. Da Gilda, do Decão, que era gente do Puruba. Decão também, tocador de pandeiro. Fazia as festas juninas e reunia toda aquela turma para brincar na festa junina de São João. Fazia fogueira, então ainda existia esse senso de comunidade nesse bairro, né? Decão ele fazia isso de unir a comunidade e fazer essa festa de São João. Todo mundo levava os pratos, levava tudo. A gente ficava praticamente um mês voltado para essa festa. Na rua tinha uma fogueira gigante, era alegria da turma. E eu cresci nesse meio. Aí veio essa questão mais cultural, porque a família do meu pai, nesse quintal, era uma família de evangélicos, da Assembleia de Deus. Só que aquele Pentecostal. A minha avó bebia um vinhozinho no Natal, não era aquela coisa que é hoje, né? Dessas bolas de neve da vida. E aí menina, eu sei que eu fui viver esse lado cultural lá na Estufa. Aí eu fui para esse lado musical da cultura caiçara mesmo, que são os fandangos, as brincadeiras.

### **Do Jongo?**

Do Jongo<sup>11</sup> não, Ubatuba já não tinha Jongo. Ubatuba veio o jongo, que seria um pouco a Congada<sup>12</sup>, um pouquinho comparado com a congada, seria isso? Veio com a família do Seu Zé Pedro, do quilombo aqui da fazenda. Seu Zé trouxe um pouco dessa manifestação do Jongo, da Congada de Cunha<sup>13</sup>. Seu Zé Pedro era de Cunha. Ele veio para trabalhar na fábrica de tamanco ali no Puruba né. Na fábrica de caxeta, aquele caxetal ali. Puruba não, da Fazenda, uma fábrica de tamanco ali. Esse tamanco de madeira. Seu Zé Pedro veio para isso. Então ele trouxe essa influência um pouco dessa cultura da dança do Jongo, já como forma de Congada. Ai Seu Dito Fernandes também recebeu essa influência do Moçambique, que aqui vira congada, né? Essa dança de Moçambique, que também é lá de cima, de Cunha.

### **E naquela época tinham outras manifestações como o samba, a capoeira?**

Não! A capoeira sim, não posso falar que não porque é mentira. a capoeira tinha sim, com um mestre que chegou em Ubatuba que chamava Jequié. <sup>14</sup>Esse mestre meu pai treinou com ele, minha mãe treinou com ele, cresci na academia dele. Na época não era Angola<sup>15</sup>, na época era

---

<sup>10</sup> Divino, ou Festa do Divino, é uma celebração religiosa que celebra o culto ao Espírito Santo, uma das práticas mais antigas e difundidas do catolicismo popular, que no Brasil tem sincretismo com elementos folclóricos.

<sup>11</sup> Jongo é uma manifestação cultural afro-brasileira de expressiva presença na região Sudeste do Brasil.

<sup>12</sup> Congada é uma manifestação religiosa afro-brasileira dedicada à celebração da coroação do Rei do Congo e da Rainha Ginga. Seu simbolismo é representado a partir do sincretismo entre elementos africanos e católicos.

<sup>13</sup> Cunha é um município situado ao leste do estado de São Paulo, fazendo divisa com o Vale do Paraíba, a região sul do estado do Rio de Janeiro e o litoral norte de São Paulo.

<sup>14</sup> Jequié, mestre de capoeira Angola.

<sup>15</sup> Angola, forma tradicional da capoeira em sua raiz africana.

Regional<sup>16</sup> que ele ensinava. Uma vez no mês tinha Angola. Jequié, na verdade, a formação dele era de Angola. E aí tinha sim a capoeira, outras manifestações culturais, não. Já existia assim, manifestações de religiões de matriz africana, já existia em Ubatuba.

### **As religiões Umbanda, Candomblé?**

Já existia, por exemplo, a Umbanda. Inclusive do lado da minha casa tinha um centro de Umbanda. Onde também eu fui crescer dentro do terreiro da Dona Maria, que foi uma querida que faleceu ano passado, com 96 anos de idade.

### **Benedeira também?**

Dona Maria era mais conhecida como Dona Maria macumbeira. E ela tinha um centro de terreiro de umbanda ali, que era vizinho da gente. Era o mesmo quintal praticamente. Eu ia ajudar nas festas de Cosme e Damião<sup>17</sup>, aí começaram a chegar as pessoas de fora. Os mais pobres, eles foram entrando para dentro da rua Corinthians, onde fala que hoje é favela, no final ali da rua Corinthians, no final daquelas ruas todas da Estufa I. Quando começou o momento da favelização da beira do rio, a gente acompanhou esse momento de invasão ali, de começar as famílias fazerem barracas de madeira mesmo! Tinha famílias que não tinham nem madeira para fazer barraco.

### **Veio muita gente para cá, né? De Minas...**

Minas, Bahia... nessa época já era uma segunda fase, onde vinham muita gente da Bahia, pessoas muito pobres do Nordeste, pessoas muito pobres de Minas. Tinha muito mais baiano ali no final, enfim, eu cresci com toda essa gente, meus amigos todos. A gente brincava ali naquela beira de rio na Estufa, tomava banho ali. Esses dias eu estava lembrando de uma grande amiga minha até hoje. A mãe dela, Dona Francisca, foi uma dessas que vieram, invadiram ali. Então a gente cresceu nesses barracos também, tinha essa convivência com todo mundo, né? Então a gente se unia, também, todo mundo, para fazer as comidas para os pobres que tinham acabado de chegar. Então era muito bonito o trabalho dela também, essa coisa que a religião tem, né? E a gente cresceu nesse terreiro. Antes dela já existia terreiros de Umbanda no bairro Perequê-Açu<sup>18</sup>, porque Dona Maria não era de Ubatuba, né?

### **Você lembra que ano que era isso aí, da Dona Maria?**

Isso aí já era 89/90, era essa época, da minha infância. Da época do Bado também já existia terreiros, porque ele lembra. A avó do Mano, que era caiçara, ali no Itaguá, tinha um terreiro, ali onde hoje tem a benzedeira Dona Maria, ali era um terreiro de Umbanda da avó do Mano. Olha que coisa doida, já existia isso em Ubatuba mesmo, de pessoas daqui, né? Se a gente for falar em influência da religião de matriz africana em Ubatuba, é muito pouca dentro da cultura caiçara. Mas existia, de alguma maneira existia, não forte, mas existia sim, já. Os outros mais antigos, não lembro. Lembro de um terreiro que tinha lá no bairro da Lagoinha<sup>19</sup>, que eu ia

---

<sup>16</sup> Regional, forma readaptada da capoeira, criada por mestre Bimba.

<sup>17</sup> Cosme e Damião, celebração religiosa afro-brasileira, em homenagem a São Cosme e Damião, irmãos gêmeos cultuados como entidades espirituais que representam crianças.

<sup>18</sup> Perequê-Açu, praia localizada na região central de Ubatuba.

<sup>19</sup> Lagoinha, praia localizada ao sul de Ubatuba.

também quando era criança, do Seu Toninho, tio do Cezão que era sogro do seu Leco<sup>20</sup>. Cezão era do tamanho dessa porta aí. Quando ele recebia um preto velho ficava do tamanho daquele carrinho. Eu não sabia como aquilo. O Leco herda o legado do Cezão. E o Cezão teve um terreiro muitos anos. Acompanhei toda essa gente. Mas tinha essa influência forte do Fandango caiçara nessa região ali da família do Puruba. E o Fandango era mais forte, pensando culturalmente. Ah, tinha não era tão forte, mas tinha. Por exemplo, quando passava, não era tão forte como é hoje. Hoje teve esse resgate que as meninas fizeram, que Mário começou de novo, de carregar esses velhos tudo aí que testão todos desanimados. E Mário fez um trabalho bonito. E continua fazendo o trabalho dele muito perfeito. Mas assim, era concentrado nesse momento. Não era sempre igual a gente vê: baile que amanhece, e o ano inteiro. Eram alguns momentos, do Divino, que era maio e junho. Tinha as manifestações, aí a folia passava na rua, eu era pequena e a folia passava na rua da minha avó. E o meu pai sempre quis acompanhar a folia, então ele ia escondido, acompanhava a folia, a minha avó não sabia.

### **Sua avó não deixava?**

Meu avô não, mas ele contava que quando era moleque gostava de acompanhar a folia. E a minha avó não sabia que eles iam. E ele era aquele cara que carregava a bandeira, né? Vem na frente, esqueci o nome, é o que carregava a bandeira mesmo, é um que vem na frente dias antes ou às vezes no mesmo dia, mas ele vem três, quatro horas antes pra avisar que a folia está chegando e, as vezes, no mesmo dia. “Oh, a folia está chegando, mata cinco frango, dez pato que a folia vai chegar”. Então ele fica um pouco nessa função. E aí acompanhei um pouco essa coisa da folia do seu Pedro, ia lá. A gente ouvia, quando ainda morava na casa da minha avó e eles passavam, a gente ia atrás, porque aí a batida do Divino |

E aí a gente criança ia atrás “eu quero café, com farinha de milho, eu quero com pão”, aí na hora que bate, aquela bagunça, falta de respeito. E aí, menina eu lembro que tinha umas brincadeiras que eram muito interessantes, que Julinho ainda faz hoje isso, de pegar a malhação do Judas. Isso tudo a gente fez, Seu Pedro, Decão, todo esse povo que já foi, né? E assim foi! Então tive esse convívio assim Issaka, como você perguntou. Tive esse convívio também na Estufa, na minha avó, mais a coisa alimentar. Meu pai teve barco de pesca também. Lá na região onde eu me mudei, tinha muita gente pescador, fazia rede. Então na frente tinha famílias de pescadores, Seu Carme, Dona Jaci, tudo gente da Picinguaba<sup>21</sup>, então a gente conviveu muito com isso. Esse povo saindo para pesca, e na hora de voltar a gente ouvia o barulho do barquinho. Na estufa ainda se ouve o barulho de madrugada, barulho de barquinho saindo da barra...ta ta, ta, ta, ta, você ouve ainda hoje. Na época, a gente ouvia barulho dos barquinhos saindo, bem lá no fundo. Então convívio com tudo isso aí. Aquele rio que hoje é podre ninguém pode mais nadar ali, na Estufa.

### **Falando um pouco agora sobre o ervário né, a gente queria que você comentasse como foi pensado, o ano, como foi idealizado e qual que era o objetivo inicial?**

O Ervário Caiçara nasceu em 2012, 2013. Quando a gente conseguiu adquirir essa parte aqui do terreno, do meu padrinho, foi o mesmo ano. E a gente entendeu que a gente poderia plantar, já tinha muita coisa plantada ali, porque o Bado morou aqui. E aí, quando a gente viu que os vizinhos vinham, que a comunidade já vinha buscar e levar plantas e trazer mudas também.

<sup>20</sup> Leco, mestre de capoeira e liderança no terreiro de Umbanda Vô Congo e Vó Catarina, em Ubatuba.

<sup>21</sup> Picinguaba, praia localizada ao norte de Ubatuba.

Tem muda até hoje no ervário. Já tem 12 anos de existência. E eu tenho mudas ainda que o Manezinho me trouxe, lá de cima, que é um aterro. Me trouxe muda de hortelã vick, me trouxeram novalgina. Aí chegou um amigo nosso, o Chico do Instituto Bacuri. O Chico trabalhou com Bado em São Paulo, numa companhia de teatro. Ele também é ator e brincante de circo. Ele assumiu esse instituto Bacuri. E ele já fazia um trabalho em Itamambuca com o CERU de Itamambuca. Com as crianças, futebol e tal. E aí Chico um dia veio visitar o Bado depois de muito tempo. Viu aqui esse quintal, e eu conversei com ele sobre o quintal. Não tinha nada disso, né? Era bem mais simples. Tanto que tem a foto do primeiro encontro. Aqui era lona, o Bado colocou uma lona para não chover, não bater em ninguém, a chuva. Ele falou: “Denise, você sabe que tem na mão uma coisa tão legal, vamos fazer, vamos instituir esse espaço. Olha, eu dou uma força, eu dou um dinheiro para você começar.” Aí a gente ficou naquele: ‘será? vamos fazer isso?’ E aí a gente topou fazer. Ele deu um dinheiro para fazer as primeiras placas. Já tinha na época 80 plantas do meu quintal mesmo. Eu falei: Chico eu vou nomear, eu vou estudar, um medo que eu tenho para estudar mais outras funções. Eu vou adorar eu mesma bolar essas placas aí. E aí mandei a lista para ele de placa, ele mandou fazer lá em São Paulo. Então ele bancou as primeiras 80 placas do Ervário. Tanto que algumas ainda que tem escrito “Instituto Bacuri”.

E no começo a gente chamava aqui apenas CTC (centro de tradição caiçara) Casa da tia Joana. Por isso naquela placa pequenina está escrito ‘CTC’. Que era um espaço diferenciado porque ele tinha porta, uma portinha só ali. Não tinha essas portas abertas lá na frente. E aí tinha uma biblioteca lá na frente, a gente recebia duas vezes na semana as crianças das escolas da Picinguaba, Puruba e Ubatumirim, Camburi. Para aquilo que era chamado de currículo extracurricular por esse instituto. E aqui elas estudavam tradição caiçara, meio ambiente e aí tinham essas duas vertentes: o artesanato dentro da cultura caiçara e aula de educação ambiental. E dentro desse projeto, tinha lanche também, era feito aqui.

Durou, não por muitos anos, vai durou 1 ano e meio, dois anos. Depois disso, ele utilizava o espaço e dava um apoio mensal para esse espaço funcionar. Onde a gente podia pagar uma pessoa para ajudar a gente na limpeza e manutenção do espaço. E aí na época, com esse dinheiro de um ano, Bado conseguiu construir, dar uma reformada na casa e construir essa área de fora que ele fez com Necão, pagando Necão para fazer. Começou essa reforma de porta, deu uma reformada na casa e começou ali era um viveiro que estava no chão batido. Aí esse outro viveiro foi feito depois que o Bacuri saiu daqui já. A gente só parou com o Instituto Bacuri aqui, porque a gente entendeu que a gente não queria alguém mandando na gente, né? A gente não queria um terceiro setor a vida toda e nem ficar dependendo disso. Então a gente queria autonomia para fazer o nosso projeto do nosso jeito, sem ter que fazer relatório mensal para um Instituto e que foi muito importante para o começo do Ervário. Nunca deixo de citar o Instituto Bacuri porque ele foi de suma importância para implementação disso. Ele está com a gente até hoje, no encontro. A gente tem muito essa gratidão pelo Instituto Bacuri, pelo Chico, por ter dado essa força e até hoje quando a gente vai fazer encontro eu falo “Oh Chico, oh, dá para ajudar, dá

para imprimir tantos panfletos aí para nós?”. Aí ele dá essa força. Mas de resto é com a gente mesmo. É a gente que mantém, a gente que se paga, a gente que se resolve, a gente se vira nos trinta. Então o Ervário começa nesse ano de 2012 com essa ajuda. Com esse gás, esse empurrão que o Chico do Bacuri deu para a gente começar esse projeto. Começa CTC Casa da Tia Joana, alberga por dois anos esse projeto de educação ambiental e cultura caiçara com as crianças, depois ele começa a oficializar outra coisa que era o quintal medicinal Ervário caiçara, que já existia, mas não estava tão assim, na frente do projeto. Antes na frente do projeto estava o CTC. Hoje na frente está o Ervário caiçara né? Então o Ervário continua sendo um trabalho exclusivamente familiar. Aqui trabalhamos eu, Bado, Tiê, nosso filho, quando está aqui trabalha na questão de design. Ele que faz as coisas do Ervário, dessas coisas da visão. O Bado e Shirley, ela é a única pessoa que além de mim e do Bado que tem essa autorização para entrar dentro dos canteiros e mexer. Porque ela sabe o que ela tem que tirar o que ela não tem. E algumas vezes vem um amigo ou outro que a gente consegue pagar para ajudar nas podas, que são trabalhos de agroflorestas. Sabe fazer a poda correta, né?

A gente demorou quase 8 anos para fazer poda grande no ervário. E eles vieram ficar três semanas com a gente podando e numa luta constante com Bado porque era assim: “Bado a gente precisa podar isso aqui?” “Não!” não pode, não pode tirar”. São dois irmãos maravilhosos, ficavam uns quatros dias tentando convencer tirar poda e era um “chilique aqui”. E aí conseguiram, foi uma alegria. Então assim, os meninos, super respeitosos, com a questão da poda, da natureza mesmo.

### **Como funciona as visitas ao Ervário hoje?**

A gente trabalha assim, recebendo visitas agendadas hoje, antes não, antes a gente abria. O Ervário era horário comercial, semana toda, eu ficava aqui esperando alguém chegar, bater na porta, mas depois a gente resolveu não fazer mais isso. A gente resolveu trabalhar só com agendamento. Então a pessoa chega, agenda, liga, manda recado, a gente recebe grupos também. Então tem gente que é pesquisador, tem gente que é sozinho, só curioso. O primeiro grupo que eu levei para mata, inclusive, que eu nunca tinha essa segurança de levar grupo para mata, foi a turma do quilombo, foi o Chico do Bacuri que me deu essa coragem. Porque foi assim, eles viriam e de repente o Fábio que trabalhava no Fórum<sup>22</sup> falou que não vinha mais e aí saíram uns grupos para mata e eu fiquei, de repente vem uma van do Quilombo do Campinho. E eu estava aqui. Isso foi no segundo encontro. Eu falei assim “E agora? Eles já saíram para mata”. Aí o Bado falou: “faz o passeio aqui dentro com eles”. Aí o Chico falou, “Não! você vai levar eles para mata”, eu falei “Não. não vou nunca vou para mata com grupo só comigo”. “Vamos embora, você vai levar”. Aí fui, com essa turma do Quilombo. Olha eu chorava, daqui da saída do Ervário até lá em cima! Eu não sei o que me deu. Me deu uma coisa assim, tão forte que eu falei assim: “gente, eu não acredito que eu estou com a primeira turma e é essa turma, não acredito”. E foi lindo demais, porque eu aprendi muito aquele dia. Com seu Álvaro, Dona Dalva, toda aquela turma do Campinho, que veio, trouxeram muda. Tenho muda do seu Álvaro até hoje. Fizemos uma amizade, que eu chego hoje no campinho, sabe, tenho que ver Dona Dalva, Seu Álvaro e todo mundo lá, então assim, foi uma turma que nossa senhora, foi esse

---

<sup>22</sup> Fórum de Comunidades Tradicionais, movimento social em prol dos direitos dos povos indígenas, quilombolas e caiçaras.

grupo especial aí do campinho, que veio atrasada e acho que não foi à toa.

### **Eles que foram te levar para a mata também...**

Foi isso mesmo, foram eles que foram me levar. E eu agradeço muito, porque foi muito lindo. E aí agora eu vou. Tem gente que vem pesquisar aqui, a Fiocruz, embora não abra muito né? Quando eles falam “O que você descobrir de novo, você manda para gente”. Eu não falo nada porque eu tenho medo dessas coisas. Ao mesmo tempo que eu sou muito a favor da ciência, acho que é isso mesmo, acho que Fiocruz é um braço para nós né? Importante no Brasil, mas eu fico com pé atrás. O que de benefício que vai trazer para cá? Então continuo meu trabalho aqui, eles entenderam isso. Então às vezes eu mando que está tendo encontro aqui e eles falam que vão divulgar, mas não tem essa interação mais, porque a gente não se abre muito. Porque a gente não quer perder essa autonomia, né? Do nosso trabalho. Se a gente se alia a instituições governamentais fortes, a gente passa a trabalhar para eles. Muda tudo. Então já recebi pesquisador aqui que foi embora bravo, porque a gente falou sobre biopirataria em um dos encontros. Uma dessas pessoas veio aqui querendo comprar um terreno lá no fundo do meu padrinho. Porque meu padrinho dividiu isso aqui em vários pedaços, queria vender por pedacinho. Aí a gente foi comprando no desespero. A gente paga empréstimo até hoje para pagar esse terreno. E ele foi vendendo. Apareceu cada figura querendo comprar, uma delas foi ela. Olha que perigo, mas a gente conseguiu comprar antes e assim a gente conseguiu tirar ela da jogada antes de saber que ela queria comprar o terreno de fundo. E aí ela foi lá para o Quilombo da Fazenda, a gente acabou se encontrando um dia que nós fomos lá falar com a dona Laura. A dona Laura é muito amiga do meu pai, da igreja, é engraçado ver os pretos tudo na igreja né menina?! Dona Laura, do quilombo, meu pai, irmãos, na igreja a vida toda.

### **E a igreja no quilombo.**

A igreja no quilombo, pior ainda. É, na verdade é a igreja que está no quilombo. E a gente encontrou essa pesquisadora, ela ficou branca, roxa, cor de rosa, enfim. Então é por isso que a gente não se abre muito para essa questão da pesquisa em universidade, porque a gente não sabe o que vem depois.

### **Eu percebo que você fala de saúde, falando muito de cultura na verdade, né? Porque essas coisas não estão separadas necessariamente. Como você vê isso? Um ervário de saúde ou um ervário de cultura?**

Eu acho que é os dois, porque assim, quando a gente une Denise e Bado, porque a ideia foi dos dois né. É o Bado na verdade que fomenta essa história toda, ele que é o cara que fala assim: “Vamos fazer isso? vamos fazer!”. Porque eu, Denise, eu fico aqui cuidando das ervinhas, faço meus remédios, atendo uma pessoa ou outra, atendo as pessoas da comunidade que vem. Porque o Ervário serve à comunidade, então hoje a comunidade sabe que pode encontrar aqui também as ervas, para quem é das ervas. Então vem gente de todo lugar, vem caicara, vem gente que está morando há pouco tempo na comunidade e sempre as ervas para essas pessoas são gratuitas, elas colhem, às vezes faço uma consulta. Essa semana eu fui levar Auí<sup>23</sup> para vacinar, a Karen<sup>24</sup> falou: “Denise, tem um enfermeiro novo aqui, e queremos fazer lá um

---

<sup>23</sup> Auí, filha da entrevistada Denise.

<sup>24</sup> Karen, agente comunitária de saúde do bairro Sertão do Ubatumirim.

encontro para falar sobre saúde com as ervas”, falei, “Olha tá aberto para vocês”. Então, acaba que hoje o postinho do bairro trabalha junto com o Ervário, então se eles vêm lá um perfil de gente que, poxa dá para tomar um chazinho, eles mandam para cá... A gente trabalha hoje juntos. Foi uma conquista também, porque não foi fácil. Essa é a minha parte. Aparte da cultura entra com o Bado, é a área dele. Então ele sempre está envolvido com isso, com cultura, com dança, com música. Então eu vejo que saúde e cultura se misturam muito bem, porque como a gente fala muito de cultura tradicional, cultura caiçara e as ervas têm a ver com a questão da cultura né, a erva sempre teve a ver com os quintais, então faz parte mesmo, não tem como dissociar isso. Tanto que a pessoa que já está longe da sua cultura, está na cidade, aculturado, ela já não vai ter mais essa pegada. E eu trabalho muito com a coisa de descolonizar também essa coisa da erva medicinal, porque a gente lida muito com gente que vem procurar, e vem procurar as ervas que todo mundo conhece, pessoas de fora principalmente, vem: “ah você pode separar para mim alecrim, lavanda, alfazema e arruda?” e eu digo “Não, não posso. Se você quiser outras coisas eu tenho. Porque eu não cultivo essas ervas, eu cultivo o que é mais nativo, que nasce aqui abundante, porque não vai ter coisa aqui que vai me dar trabalho. Porque quando a gente fala que é erva nativa, quando a gente vai estudar a fundo ela não é nativa. Tem uma erva que virou moda no Ubatumirim todo, que ninguém sabia de onde era e eu fui afundo, no cerne da questão, ninguém achava o nome científico, só acharam porque hoje tem essa coisa do google Lens. Mas não achavam para que servia. Isso bem no começo, quando ela chegou aqui. Que é o *igbin*, aí eu fui ver em um livro que eu tenho de ervas, usadas em templos de religião de matriz africana e aí achei o *igbin*. Aí descobri que o *igbin* é uma planta de um orixá, que é oxalá e que *igbin* quer dizer “água que apazigua”. Então é relativo a esse orixá, cuja comida principal é o caracol. E aí comecei a associar a vinda dessa planta para o sertão quando chegou o caramujo africano aqui no sertão, porque antes não tinha. Então tem muito a ver, a chegada da planta e o caramujo. Então essas pesquisas eu vou fazendo com a comunidade mesmo: “Genaro, você lembra quando...?” O Genaro achava que tinha vindo do avião, que alguém tinha jogado para multiplicar na mata por algum motivo.

Mas é uma planta exótica que se você não controlar ela toma conta de tudo e mata. No Havai ela foi até proibida porque ela acabou com a fauna de uma ilha lá. Então, hoje a gente tem ela aqui e sabe que é um remédio para bexiga e é comida de caracol. Então essas pesquisas assim que a gente vai fazendo, de forma autônoma, porque não sou pesquisadora, não é minha área, a minha área é fitoterapia, floral, é outra área, mas a gente vai acompanhando, só no dia a dia que a gente vai descobrindo certas coisas. A lida com a planta né. Isso hoje o Bado até tem

mais, porque ele que água, ele que cuida, aduba, então ele tem muito essa relação hoje com a planta.

Eu me identifico muito quando estamos com um grupo e alguém no grupo fala “ah, eu lembrei da minha avó”, então eu cheguei aonde eu queria chegar. Falo “ah, então está bom! Missão cumprida. Era isso que eu queria, que você lembrasse da sua avó.” Porque ali está a ancestralidade da pessoa, ali ela resgata muito a cultura dela, só de lembrar da avó, de onde ela veio. Então é um pouco esse trabalho que a gente tem enquanto Ervário e cultura andando juntos. Eu gosto muito quando a gente consegue fazer esse resgate da pessoa lembrar de onde ela vem. E é incrível gente, muita gente chega aqui e não sabe de onde vem, não lembra. Aí você vai falando e a pessoa vai lembrando, e você fala “ah, missão cumprida”.

**Nos últimos 4 anos a gente presenciou um movimento de preservação de patrimônio ambiental e cultural, até por causa das polêmicas do governo anterior, como você vê esse trabalho do Ervário dentro dessa questão de preservação de patrimônio ambiental e cultural e como proteger esse patrimônio, quais ações são importantes para você?**

O Ervário começa numa área degradada, quando a gente comprou essa área, era tirada terra de toda essa extensão de terra, até a minha casa ali, para doação dessa terra para estrada, construção das estradas. Isso o antigo dono que fez, que era o seu Bieca, que era tradicional e na cabeça dele, estava contribuindo para a construção das estradas que descia aqui para o sertão, para os sertões aqui da região, por acesso, ele acabou doando essa terra, depois a prefeitura veio e jogou entulho em cima desse lugar dizendo que ia colocar de volta essa terra de alguma forma. Acho que o processo de jogar de entulho parou por um tempo, ficou só lá no fundo, e a gente foi com o tempo tirando a braquiária quando a gente entrou aqui de fato e foi plantando as ervas, fazendo os pequenos biomas para que as ervas também crescessem naquele lugarzinho. Depois a gente criou um bioma ali para a baleeira que nós trouxemos da praia, a gente faz assim, vai construindo pequenos biomas e durante esses treze anos que a gente está aqui, hoje quando você vê o Ervário de cima, você vê que é uma floresta, você só vê os telhadinhos e o resto tá tudo verde. Quando você vê uma imagem de drone no começo do Ervário você vê que era tudo terra, então hoje você vê muita diferença. E a gente vai trabalhando essa terra o tempo todo. Por exemplo, o Ervário começou aqui, nesse pedacinho, só que aqui já está começando a bosquear, já tem a juçara, cambuci, pequenos arvoredos nativos, plantas maiores, que já sombreiam as ervas. Então para isso, a gente deixa aqui bosquear para poder abrir um outro pedaço. Aqui onde era a roça de subsistência do meu pai e começar o plantio de ervas aqui porque eu preciso de sol. E aí eu já vejo que a parte da frente também já está bosqueando já com árvores nativas, que é o guapuruvu, a capororoca, tem já o xixá, a caneleira, espinheiro, árvores também de segundo porte dentro da mata, dentro do reflorestamento, de “segunda sombra” que eles falam. E aí onde vai bosqueando, a gente vai mudando, sempre com muita dó, de tirar aquela parte que já está bosqueada. Eu acho que vai chegar um momento, o ervário vai deixar de ser ervário e vai virar uma floresta, é isso que a gente está querendo. Quando a gente entende essa crise ambiental que tem no Brasil e que teve uma piora no governo anterior e ainda está difícil controlar isso, nesse atual governo, que é um pouco mais voltado para preocupação com meio ambiente, a gente vê que o que vale a pena é você “tacar o verde” na cara do colonizador, na cara do destruidor. Então o que a gente vê aqui é que onde derrubam cerca ninguém tem preocupação de plantar árvore, mas a gente vai lá e planta. A pessoa chupa uma fruta, mas ela não pensa que ela vai poder guardar aquela semente para plantar uma árvore que aquilo vai dar certo para a

futura geração, a gente aqui já pensa. E quem está fazendo esses trabalhos hoje de preservação ambiental, quem continua fazendo esses trabalhos são as pequenas comunidades. Então enquanto a gente fala de solução ambiental, em sua maioria de um campo de futebol que tá queimando tudo, mas a gente não volta os olhos para as pequenas comunidades que tão fazendo esse trabalho de preservação, em seus quintais, muitas vezes sem saber, ou sabendo, porque é um pouco isso, onde estão as comunidades tradicionais é onde a mata ainda tá muito preservada, onde existem comunidades tradicionais, quilombos aldeias e comunidades caiçaras né. Estou falando aqui do Sudeste. E a gente vê que o trabalho que a gente faz aqui é pequeno no seu território, mas é grandioso de uma outra forma. Hoje a gente tem mais essa consciência, dessa importância que é você preservar pequenos espaços com a natureza ainda em restauração, Porque quando você fala que o Ervário começa em uma área degradada, onde eu achava que não ia ter nem princípio ativo na erva, porque quando o cat (?) esteve aqui que é um instituto que cuida da agricultura de Ubatuba né, ele falou “Denise você tá no subsolo aqui, então você vai ter vai uma certa dificuldade”. e muita gente na comunidade falou “você vai plantar lá mas lá não dá nada, lá não tem...” e tem. A gente conseguiu ter roça muitos anos, a gente conseguiu colher mandioca, a gente conseguiu ter plantio de ervas, a gente consegue ter uma banana, colher fruta, então isso hoje é um luxo né para quem... Nessa a importância do Ervário e nessa questão da preservação do patrimônio ambiental, é a gente continuar fazendo, plantando, a gente sabe que não é para a gente mais, já passou. Esses dias eu colhi lichia, o ano passado, uma senhora que me deu uma muda desse tamanho, nem é uma árvore nativa né, mas eu colhi, olha só, ela me deu uma muda e eu colhi e levei para ela, e ela faleceu no final do ano passado. Ainda no começo do ano eu falei, vou levar para ela comer a fruta. e a minha filha come a fruta hoje. Então, ela ainda chegou a comer, mas podia não ter chegado. Quantas árvores tem aqui que meu pai não comeu e foi ele que plantou? E a gente lida sempre com essa resistência também né, com a especulação imobiliária que chega querendo comprar terra, é muito louco.

Ano passado chegou uma moça na comunidade, riquíssima comprando tudo. E ela chegou aqui pra mim e falou “escuta queria ver se você não vende um pedaço da sua terra” que é ali do outro lado do rio, vizinho com a terra dela, “pra eu comprar e fazer um banheiro”, um banheiro. “Eu quero comprar pra fazer um banheiro seco, porque o banheiro que tá lá não tá legal”, eu falei pra ela “nada que tá lá tá legal, porque tá em cima de área de preservação ambiental permanente, então nada lá vai ser legal” mas tudo bem, ela tem casa lá. E aí eu falei assim “ não vendo terra, não vendo terra! porque é questão de resistência, você não vender terra”. Então eu falo, é um ato de resistência, eu não vendo terra, eu tenho filhos e eu quero que meus filhos usufruam daquilo que eu conquistei de geração, que meu pai conquistou. E isso não é ser apegado a coisa material, isso é coisa de resistência. Eu falo “olha, tem terra aqui pra vc plantar” pra mim esse é o futuro, o futuro não esta na grande cidade, se você não tem um rio limpo para tomar banho.

Auí foi pra Paraty com a gente, anteontem, ela passou no rio e falou assim: “mamãe que rio lindo, podemos tomar banho nesse rio?” e eu falei “não filha, esse rio é poluído. Esse rio ninguém pode tomar banho”. Ela falou assim: “nossa mamãe, e as crianças que moram aqui?”, eu falei: as crianças que moram aqui não tem rio limpo. E é muito estranho você pensar que a gente vulgariza isso, passar do lado do rio e ele está poluído e achar que aquilo é normal, achar que tudo bem, o rio é assim mesmo. Eu não entendo isso. Hoje eu não consigo entender isso. E eu não consigo entender também como ainda hoje as pessoas chegam nas comunidades tradicionais e falam “vende aquele pedaço pra mim”. Eu ja cheguei a falar: “tem placa da vende

lá?”. Eu tenho um pedaço de terra lá que tem roça, mas ninguém está podendo manter a roça lá, mas eu não vendo, porque eu vou começar a plantar árvores. Eu falo, “não, eu tenho essas crianças aí, ela e o irmão dela, que daqui a vinte, trinta anos eles derrubam as árvores para fazer a casa deles, fazem o que eles quiserem. eu graças a deus ainda não estou precisando vender terra. não sei meu dia de amanhã”, ainda falei assim para ela, né, o futuro não pertence a gente. mas agora não vendo, então é um ato de resistência manter uma roça, plantar uma árvore, é um ato de resistência. Então eu acho que tá aí essa importância de você conservar desde a sua terra para plantar, como hoje em dia, esse pensamento de resistir nesse território, se não você não segura. Então para mim a importância está aí, do Ervário e do nosso pensamento e nós fazemos questão de difundir isso, de falar, “não venda terra”. E é isso difícil, gente, porque o povo quer vender terra. Eu entendo até. Agora está valorizado, a pessoa não teve a oportunidade de sair. A gente quis fazer esse retorno da cidade para cá, mas as pessoas querem ir daqui para lá e querem vivenciar isso que a gente vivenciou mesmo a gente sabendo que não vale a pena vivenciar isso, mas eles querem, então está tudo bem. A gente tentou por 13 anos mudar um pouco a cabeça do jovem daqui, tentando educar que o melhor mesmo é você estar no seu território, estar junto com os seus. Mas é difícil porque o sistema é contra o que você está falando. Nesse quesito a gente é muito pequenininho, mas no quesito preservação acho que a gente é grande, porque mesmo com um pequeno território a gente consegue plantar e transformar aquele pedaço ver né. Então está aí a importância, culturalmente também. É difícil está vendo? Estamos lidando com apropriação cultural até agora.

Estou pensando agora, a gente tem que resistir, porque de certa forma isso é uma ameaça, você se sente ameaçada inconscientemente de perder isso aqui, não só a proposta de venda mas pode ser uma outra coisa, a nível municipal, estadual, federal. então tem que olhar sempre estratégias para resistir a essas ameaças.

**E que são coletivas né, não adianta ser individual, porque se o rio passa sujo aqui já te atrapalha né.**

A gente às vezes fica muito nervoso, né. Esses dias conversando com a mulherada do fórum de comunidades tradicionais, elas estão lá na luta em Paraty também, as mulheres principalmente as mulheres estão nessa luta do território lá em Paraty, Mangaratiba, nesses lugares periféricos de Paraty, naquela orla do canto de Paraty. E elas estavam falando que lá também estão recebendo ameaças o tempo todo, porque é uma área periférica, mas é uma área na frente do mar. Então existem grandes especuladores querendo ali.